

29  
9  
278



**PARTIDO  
COMUNISTA  
PORTUGUÊS  
(RECONSTRUÍDO)**

# **RESOLUÇÃO POLÍTICA**

**APROVADA EM CONGRESSO DE RECONSTITUIÇÃO  
(27 DE DEZEMBRO DE 1975 A 5 DE JANEIRO DE 1976)**

3004000

  
**PCP(R)**

**Janeiro 1976**  **PCP(R)**

## ÍNDICE

	Pág.
I. A REVOLUÇÃO NO MUNDO E A LUTA CONTRA AS SUPERPOTÊNCIAS . . . . .	3
A tendência principal no mundo é para a Revolução . . . . .	3
O imperialismo americano é o principal inimigo externo do nosso povo . . . . .	4
A União Soviética tornou-se uma superpotência imperialista, inimiga mortal dos povos e da Revolução . . . . .	6
A política hegemónica das superpotências ameaça os povos e a paz mundial . . . . .	6
A Europa, foco da rivalidade das superpotências . . . . .	7
A frente unida mundial dos povos contra o imperialismo e o social-imperialismo . . . . .	8
Os países socialistas, um factor decisivo do movimento revolucionário mundial . . . . .	9
Viva o internacionalismo proletário . . . . .	10
II. A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA POPULAR . . . . .	11
Os interesses do povo português exigem a Revolução . . . . .	11
A República Popular, objectivo da luta do povo . . . . .	14
III. LIÇÕES DA LUTA DE CLASSES — DO 25 DE ABRIL AO 25 DE NOVEMBRO . . . . .	15
A traição revisionista . . . . .	16
As lições do 25 de Novembro . . . . .	19
IV. ERGUER A FRENTE ANTIFASCISTA E PATRIÓTICA, TAREFA CENTRAL DO PARTIDO . . . . .	23
A unidade da classe operária . . . . .	24
A Aliança Operário-Camponesa . . . . .	26
Apoiar a UDP, sector avançado da Frente . . . . .	28
A Frente, feixe de organismos populares e democráticos . . . . .	30
V. UNIDOS AS MASSAS, VENCEREMOS . . . . .	31
Os comunistas, servidores conscientes do povo . . . . .	31
O Partido afirma-se na luta contra o sectarismo e o obreirismo . . . . .	32
Como derrotar os revisionistas . . . . .	34
Levantemos a bandeira da luta popular! . . . . .	36
VI. O PARTIDO COMUNISTA, VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA DO POVO . . . . .	39
O PCP (R), dirigente operário e popular . . . . .	39
A traição revisionista . . . . .	41
A reconstituição do Partido . . . . .	42
A edificação do Partido . . . . .	46

INDICE

134	A REVOLUÇÃO NO MUNDO E A LUTA CONTRA AS SUPERPOTÊNCIAS
135	A luta socialista contra as superpotências
136	A luta socialista contra as superpotências
137	A luta socialista contra as superpotências
138	A luta socialista contra as superpotências
139	A luta socialista contra as superpotências
140	A luta socialista contra as superpotências
141	A luta socialista contra as superpotências
142	A luta socialista contra as superpotências
143	A luta socialista contra as superpotências
144	A luta socialista contra as superpotências
145	A luta socialista contra as superpotências
146	A luta socialista contra as superpotências
147	A luta socialista contra as superpotências
148	A luta socialista contra as superpotências
149	A luta socialista contra as superpotências
150	A luta socialista contra as superpotências
151	A luta socialista contra as superpotências
152	A luta socialista contra as superpotências
153	A luta socialista contra as superpotências
154	A luta socialista contra as superpotências
155	A luta socialista contra as superpotências
156	A luta socialista contra as superpotências
157	A luta socialista contra as superpotências
158	A luta socialista contra as superpotências
159	A luta socialista contra as superpotências
160	A luta socialista contra as superpotências
161	A luta socialista contra as superpotências
162	A luta socialista contra as superpotências
163	A luta socialista contra as superpotências
164	A luta socialista contra as superpotências
165	A luta socialista contra as superpotências
166	A luta socialista contra as superpotências
167	A luta socialista contra as superpotências
168	A luta socialista contra as superpotências
169	A luta socialista contra as superpotências
170	A luta socialista contra as superpotências
171	A luta socialista contra as superpotências
172	A luta socialista contra as superpotências
173	A luta socialista contra as superpotências
174	A luta socialista contra as superpotências
175	A luta socialista contra as superpotências
176	A luta socialista contra as superpotências
177	A luta socialista contra as superpotências
178	A luta socialista contra as superpotências
179	A luta socialista contra as superpotências
180	A luta socialista contra as superpotências
181	A luta socialista contra as superpotências
182	A luta socialista contra as superpotências
183	A luta socialista contra as superpotências
184	A luta socialista contra as superpotências
185	A luta socialista contra as superpotências
186	A luta socialista contra as superpotências
187	A luta socialista contra as superpotências
188	A luta socialista contra as superpotências
189	A luta socialista contra as superpotências
190	A luta socialista contra as superpotências
191	A luta socialista contra as superpotências
192	A luta socialista contra as superpotências
193	A luta socialista contra as superpotências
194	A luta socialista contra as superpotências
195	A luta socialista contra as superpotências
196	A luta socialista contra as superpotências
197	A luta socialista contra as superpotências
198	A luta socialista contra as superpotências
199	A luta socialista contra as superpotências
200	A luta socialista contra as superpotências

... a acção conjunta destas forças contra a dominação imperialista...

I

A REVOLUÇÃO NO MUNDO E A LUTA CONTRA AS SUPERPOTÊNCIAS

A TENDÊNCIA PRINCIPAL NO MUNDO É PARA A REVOLUÇÃO

Sob a acção conjugada do movimento revolucionário nos países capitalistas e revisionistas, e do movimento de libertação nacional dos povos e nações oprimidas da Ásia, África e América Latina, as forças da Revolução, da liberdade e do progresso social avançam, enquanto o mundo capitalista e revisionista atravessa grandes dificuldades.

Como assinalou o IX Congresso do Partido Comunista da China, hoje são quatro as contradições fundamentais à escala mundial:

- A contradição que opõe os povos e nações oprimidas ao imperialismo e social-imperialismo.
- A contradição que opõe o proletariado à burguesia nos países capitalistas e revisionistas.
- A contradição que opõe os países imperialistas ao social-imperialismo e os países imperialistas entre si.
- A contradição entre os países socialistas por um lado e o imperialismo e o social-imperialismo por outro.

É a acção conjunta destas quatro contradições que determina todas as mudanças no mundo. Cabe ao nosso Partido saber determinar com justeza a maneira como as várias contradições influem na realidade do nosso país, a fim de traçar uma estratégia e uma tática de acordo com o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário.

---

O IMPERIALISMO AMERICANO É O PRINCIPAL  
INIMIGO EXTERNO DO NOSSO POVO

---

A luta da classe operária e do povo português é uma parcela da luta da classe operária e dos povos do mundo inteiro. A nossa maior contribuição para o avanço da Revolução mundial consiste em fazer a Revolução no nosso país. É essa a meta que guia toda a acção dos comunistas portugueses.

Para isso é necessário apontar com clareza ao nosso povo o seu principal inimigo externo: o imperialismo americano.

A Península Ibérica é uma zona de influência militar e económica dos americanos, de grande importância estratégica. As bases militares imperialistas, na Península Ibérica e nos Açores, são setas permanentemente apontadas aos povos de Espanha e de Portugal.

A derrocada do sistema colonial, a crise económica que atinge o mundo capitalista ocidental, são factores de enfraquecimento do imperialismo americano. Nos últimos anos tem sofrido sucessivas derrotas, em particular na Ásia (Camboja, Laos, Vietname), e é hoje um imperialismo em declínio. Contudo, dispõe ainda de um grande poderio económico e militar. É senhor de um poderoso exército espalhado por todo o mundo, utiliza a agressão aberta como meio de assegurar as suas posições de domínio sobre os outros países, organiza golpes de estado e apoia todas as cliques fascistas.

Enquanto se mantiver de pé, o imperialismo americano conservará intacta a sua natureza reaccionária, agressiva e belicista. O desespero, por sentir o terreno a fugir-lhe debaixo dos

pés, conduzi-lo-á sempre a preparar-se para novas aventuras militares.

**Em Portugal, país ameaçado por um golpe fascista ao serviço dos monopólios americanos, o nosso Partido levantará decididamente a bandeira da luta contra o imperialismo norte-americano.** E para que essa luta seja vitoriosa, o PCP (R) chamará a classe operária a conduzi-la e combaterá todas as tendências no sentido de subestimar a agressividade e o poderio do imperialismo americano e dos seus comparsas europeus. Essas tendências conduzem a um único resultado: desmobilizar o povo e amarrá-lo de pés e mãos perante o imperialismo.

A Península Ibérica foi e continua a ser uma coutada americana do ponto de vista económico, político e militar. Porém, no quadro da disputa da Europa pelas superpotências, a Península Ibérica assume grande importância estratégica, porque é uma zona chave para garantir o domínio militar no Mediterrâneo.

Nos últimos anos, a União Soviética tem desenvolvido esforços para alargar a sua influência na Península. A situação política criada em Portugal com o 25 de Abril e a acção do partido revisionista, criaram uma situação propícia ao social-imperialismo que, no último ano e meio, pôde fazer alguns avanços. O nosso Partido, ao mesmo tempo que aponta qual o inimigo principal a abater e mobiliza o povo a combatê-lo com todas as forças, opor-se-á com firmeza às tentativas de penetração e ingerências do social-imperialismo no nosso país.

**A luta dos povos de Espanha e de Portugal é uma luta comum contra os mesmos inimigos. Durante dezenas de anos os regimes fascistas dos dois países apoiaram-se mutuamente e celebraram o reaccionário Pacto Ibérico que ainda subsiste e é urgente deitar abaixo.**

**A luta solidária dos povos de Espanha e de Portugal contra o fascismo e o Pacto Ibérico, para expulsar os americanos e impedir a penetração social-imperialista assume uma importância vital.**

---

A UNIAO SOVIETICA TORNOU-SE  
UMA SUPERPOTENCIA IMPERIALISTA,  
INIMIGA MORTAL DOS POVOS E DA REVOLUCAO

---

A restauração do capitalismo na URSS provocou uma alteração radical na sua política externa. Segue a lógica de qualquer país capitalista, e lança-se na disputa de mercados e de fontes de matérias-primas e na exportação de capitais. Suga a riqueza dos países em desenvolvimento, e estabelece zonas de influência. Tal como os imperialistas americanos, instala onde pode bases militares. É um grande negociante de armas, incitador de golpes contra-revolucionários e instigador de conflitos entre nações. A União Soviética converteu-se numa potência social-imperialista, tão agressiva como o imperialismo americano.

A agressão contra a Checoslováquia foi a expressão máxima de uma política agressiva e chauvinista erigida em linha oficial.

Para além disso, o social-imperialismo é um inimigo particularmente perigoso pois reveste toda a sua política imperialista com o manto da «ajuda desinteressada» e da «cooperação» e com justificações pretensamente «internacionalistas» para melhor adormecer e dominar os povos. Tira grande proveito do prestígio que a URSS socialista de Lenine e Staline ganhou e está em expansão por todo o mundo. Esse facto tende a torná-lo o imperialismo mais perigoso.

Hoje, o imperialismo americano e o social-imperialismo são à escala mundial os inimigos principais dos povos.

---

A POLITICA HEGEMONISTA DAS SUPERPOTENCIAS  
AMEACA OS POVOS E A PAZ MUNDIAL

---

Diz Lenine: «A essência do imperialismo é a rivalidade das várias grandes potências tendendo ao hegemonismo».

É verdade que a aliança soviético-americana é a principal

força contra-revolucionária que se opõe aos povos. Mas o seu entendimento é provisório e a sua rivalidade em busca da hegemonia mundial é constante.

Ao mesmo tempo que fazem discursos sobre a «paz» e o «desanuviamento», multiplicam os preparativos para a guerra, disputam-se no Médio Oriente e noutros pontos do mundo.

Actualmente as duas superpotências estão numa fase de alinhamento de forças e disputam zonas intermédias, mas a sua política hegemónica põe de pé a ameaça de uma terceira guerra mundial devastadora e contrária aos interesses da imensa maioria da humanidade. Nesta situação, os perigos vêm tanto de uma como de outra superpotência. Não se pode lutar contra um imperialismo apoiando-se no outro.

Contra esta ameaça, ergue-se a frente unida dos povos, na qual se integra a classe operária e o povo português.

Na situação mundial que atravessamos, caracterizada por grandes mudanças e grandes convulsões, os factores de revolução assim como os da guerra vão-se acumulando. Mas, quer a revolução impeça a guerra, quer a guerra provoque a revolução, o futuro continuará a pertencer aos povos.

---

A EUROPA, FOCO DA RIVALIDADE  
DAS SUPERPOTENCIAS

---

A Europa é um continente ocupado a leste pelo Pacto de Varsóvia, a oeste pela NATO. Os países capitalistas da Europa estão ligados por mil laços ao imperialismo americano e estão submetidos às pressões e ingerências dos dois super-grandes. A burguesia destes países tenta sair desta situação e impor os seus próprios interesses imperialistas. Para isso associa-se no Mercado Comum e levanta a voz na NATO. Mas o seu objectivo é vir a tornar-se uma terceira superpotência.

Nessa esperança, procura vir a reforçar o seu domínio reaccionário sobre os povos europeus, manter a exploração neo-colonial no Terceiro Mundo e obter uma certa independên-

cia em relação ao imperialismo americano e ao social-imperialismo soviético. Avolumam-se as tendências de fascização em muitos países europeus.

Ao mesmo tempo, a crise económica e o avanço do movimento operário e popular, quer nos países capitalistas, quer nos países revisionistas, podem ser o prenúncio de uma crise revolucionária, favorável às forças da paz e do socialismo.

Ao lutar pela união dos povos da Europa contra o imperialismo e o social-imperialismo, o nosso Partido apoia em primeiro lugar e saúda por todas as formas, a luta da classe operária europeia, que se afirma como a única força capaz de dirigir o derrube do poder dos monopólios nos seus países, a liquidação da NATO e do Pacto de Varsóvia, a criação de uma Europa socialista.

---

#### A FRENTE UNIDA MUNDIAL DOS POVOS CONTRA O IMPERIALISMO E O SOCIAL-IMPERIALISMO

---

As duas superpotências gostariam de poder prosseguir livremente a sua política de rapina e guerra, e impor a sua vontade no mundo. Mas elas nada podem contra a unidade dos povos. Actualmente, se se unirem todas as forças que podem ser unidas contra o inimigo comum, é possível afastar o perigo de uma nova guerra mundial imperialista, enterrar as ambições desmedidas dos super-grandes e abrir um futuro radioso aos povos.

Esta frente unida engloba os países socialistas, a classe operária, os povos e nações oprimidas do mundo, todas as forças amantes da paz e da liberdade. A força principal desta frente são os povos e nações oprimidas do Terceiro Mundo que englobam a maioria da população mundial.

O Terceiro Mundo não é um bloco homogéneo. Engloba um conjunto de países com regimes muito diversos. Não se pode comparar a Indonésia com a República Popular de Moçambique. Mas apesar da grande diversidade de regimes políticos, o Ter-

ceiro Mundo forma, no seu conjunto, uma formidável força anti-imperialista. O nosso Partido educará o povo português na solidariedade activa com a luta dos povos do Terceiro Mundo, na certeza de que só as forças revolucionárias, as massas populares desses países, estarão à altura de se oporem conseqüentemente ao domínio imperialista.

É a classe operária mundial, dirigida pelos seus partidos marxistas-leninistas, a única que está em condições de encabeçar a frente unida dos povos contra o imperialismo e o social-imperialismo. O nosso Partido integra-se nesta enorme corrente mundial e agarrará com firmeza esta tarefa.

---

#### OS PAÍSES SOCIALISTAS, UM FACTOR DECISIVO DO MOVIMENTO REVOLUCIONARIO MUNDIAL

---

Os países socialistas, onde triunfou a ditadura do proletariado, são um factor decisivo no caminhar revolucionário dos povos. Os êxitos alcançados na construção do socialismo, com a elevação sempre crescente do nível de vida e cultural das massas, com os grandes progressos realizados na educação da juventude, na emancipação da mulher trabalhadora, no apagamento das diferenças entre operários, camponeses e quadros, e entre a cidade e o campo, bem como a sua política de combate firme ao imperialismo e social-imperialismo, e de apoio resolutivo às lutas revolucionárias de todo o mundo, reforçam a confiança dos povos no socialismo.

Ao traçarem a sua política externa têm em conta a situação de conjunto à escala mundial e, por isso, lutam com um conjunto de contradições mais vasto do que aquele com que se defronta um Partido Comunista que quer fazer a Revolução no seu país.

Integrados numa cadeia mundial de países, os países socialistas estão sujeitos a fortes pressões e ameaças por parte de imperialistas e social-imperialistas. Por isso, ao mesmo tempo que apoiam a luta revolucionária dos povos e encabeçam a sua

frente unida, exploram as contradições que opõem entre si as superpotências, e as contradições existentes entre o imperialismo europeu e os dois supergrandes.

A obra grandiosa da República Popular da China, bastião da ditadura do proletariado, ao lutar pelo estreitamento da unidade e cooperação dos povos, está a causar um grande prejuízo às superpotências, a contribuir para o seu isolamento e enfraquecimento. Essa obra deve ser apoiada com todas as forças.

Por sua vez, as vitórias do povo da Albânia, farol do socialismo na Europa, confirmam que um país pequeno não tem que recear as dificuldades e pode derrubar todos os obstáculos que os imperialistas e social-imperialistas levantam, desde que seja dirigido por um Partido marxista-leninista, como é o Partido do Trabalho da Albânia.

A China e a Albânia apontam aos povos o futuro da humanidade e estão na primeira linha de luta para salvaguardar a pureza do marxismo-leninismo, e pela destruição do sistema imperialista e capitalista.

#### VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETARIO

Face à situação internacional, o nosso Partido tem como tarefas centrais:

— Apoiar a República Popular da China e a República Popular da Albânia contra os ataques dos imperialistas, dos revisionistas e de todos os reaccionários, apoiar os seus esforços para unir todos os povos e nações oprimidas a fim de isolar as superpotências e fazer fracassar os seus planos de domínio mundial.

— Desenvolver a solidariedade activa com os povos sob ferozes ditaduras fascistas, nomeadamente com os povos de Espanha e Brasil, pelo derrube do fascismo. É tarefa concreta do povo português exigir ao governo o rompimento do Pacto Ibérico.

— Desenvolver a solidariedade activa para com a luta dos

povos oprimidos contra o colonialismo e o neo-colonialismo, o imperialismo e o hegemonismo, em particular o apoio à luta dos povos de Angola e Timor pela sua total libertação, e aos povos da Guiné-Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe pela consolidação da sua independência.

— Desmascarar a política agressiva e expansionista das duas superpotências que visam esmagar a Revolução e dividir o mundo em esferas de influência. Denunciar os seus preparativos acelerados para a guerra e a hipocrisia dos seus discursos e acordos sobre a paz e a segurança dos povos.

— Contribuir para a união dos povos europeus na luta contra o domínio dos monopólios, o imperialismo e o social-imperialismo. Apoiar a luta da classe operária dos países capitalistas e revisionistas, como força de vanguarda na luta pela paz, a democracia e o socialismo na Europa. Em particular, lutar pela retirada de Portugal do pacto imperialista da NATO, lutar por medidas contra o imperialismo americano e europeu em Portugal, bem como impedir a penetração do social-imperialismo.

## II

### A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA POPULAR

#### OS INTERESSES DO POVO PORTUGUÊS EXIGEM A REVOLUÇÃO

Desde que o triunfo dos povos coloniais e a luta do povo português fizeram cair a ditadura fascista, a dominação imperialista e capitalista em Portugal entrou num período de crise aberta. Mas as medidas do novo regime, criando um forte sector de capitalismo de Estado, mantiveram a subjugação do país e do povo à grande burguesia e ao imperialismo americano e europeu. Portugal continua dependente da NATO e do Mercado Comum, a economia nacional é estrangulada por uma crise gravíssima, 80 % da população vive do trabalho

assalariado por conta dos patrões, do Estado e das multinacionais.

A classe operária, com mais de um milhão de trabalhadores, é hoje a maior classe nacional. O seu lugar na sociedade actual é produzir lucros e viver submetida ao trabalho excessivo, à carestia, à falta de habitação, a toda a espécie de privações, sob a ameaça constante do desemprego dos acidentes e da doença. É isto que a torna o motor da Revolução, apesar da acção da burguesia e do revisionismo para a reprimir, enganar e dividir. Meio milhão de operários concentrados em 1500 fábricas das regiões de Lisboa-Setúbal e do Norte formam o coração do proletariado e do povo português.

Nos campos, trabalha quase um terço da população e também aí impera a exploração capitalista. Os assalariados rurais do Sul formam um poderoso núcleo proletário provado na luta contra os latifundiários, pela Reforma Agrária. A seu lado está o semi-proletariado rural, os camponeses pobres do Norte e Beiras, sustentando-se de pequeníssimas parcelas e muitas vezes obrigados a trabalhar como jornaleiros em condições de miséria insuportável. A situação dos camponeses médios, vivendo do trabalho familiar independente, é também aflitiva. Proprietários, industriais e comerciantes, a banca e o Estado, pilham o trabalho camponês por meio da renda, dos preços, da especulação, dos juros, impostos e multas, mantendo a agricultura em ruína crónica. É uma canga capitalista que leva o povo camponês a procurar irresistivelmente o caminho da libertação.

O semi-proletariado urbano (empregados e funcionários pobres), englobando perto de meio milhão de famílias, vive também sujeito a dificuldades e à tirania da grande burguesia e do seu Estado. Embora hesitante, os seus interesses levam-nos para o campo do proletariado.

Mesmo a pequena burguesia citadina e rural que, com as camadas de intelectuais e quadros, forma perto de  $\frac{1}{2}$  da população, é prejudicada pelas prepotências da grande burguesia e do imperialismo, que a mergulham na crise e na inse-

gurança. As suas contradições com o proletariado tornam-se secundárias e é levada a aproximar-se do campo popular e nacional.

A média burguesia rural e urbana comporta-se em geral como um inimigo secundário da Revolução. Contudo, é possível neutralizar alguns sectores, descontentes com a posição subalterna a que são reduzidos pelos monopólios.

No povo português estão ainda cerca de milhão e meio de trabalhadores emigrantes na Europa, (além dos que se fixaram nas Américas) originários sobretudo das classes camponesas, que trabalham como assalariados do capital estrangeiro, sujeitos a toda a espécie de dificuldades e discriminações, por não lhes ser dada na Pátria possibilidade de sobrevivência. São mais uma grande força cujos interesses se opõem aos dos donos do país.

Frente à massa da população encontram-se a grande burguesia, os grandes capitalistas e latifundiários, os agentes do imperialismo americano e europeu, o pessoal superior do capital, do Estado e das forças armadas. Não perderam nada do seu reaccionarismo, só olham a acumular lucros por todos os meios, através do controlo económico, político e militar do país, cada vez mais concentrado.

A alta concentração capitalista a que chegou o nosso país sob a intervenção do imperialismo faz com que a contradição entre o proletariado e a burguesia se concentre na luta das grandes massas populares contra o grande capital monopolista, os latifundiários e o imperialismo, inimigos do povo, da liberdade e da Independência Nacional. **A missão revolucionária da classe operária é unir à sua volta todos os que podem ser unidos, concentrar o fogo sobre o inimigo principal — a grande burguesia e o imperialismo — e, na luta contra ele, fazer desmoronar o pilar central do regime de exploração e opressão do povo português, fazer a Revolução.**



A nossa Revolução é, na presente etapa, uma revolução democrática popular. É a Revolução dum país capitalista dependente, onde as grandes massas da cidade e do campo aspiram a transformações democráticas, à independência e ao bem-estar.

**Revolução democrática** pois não visa a destruição imediata das relações de produção capitalistas e a construção do socialismo integral, nem tem como inimigo a burguesia no seu conjunto. O movimento camponês, sem o qual nada se fará, tem um carácter essencialmente democrático. **Revolução popular** porque só a luta revolucionária do povo conduzida pela classe operária poderá ser o motor das transformações democráticas e anti-imperialistas de que o nosso país necessita.

O poder do novo regime tem como base uma ditadura democrática revolucionária dos operários, camponeses e demais trabalhadores, chamando para o seu lado a intelectualidade e a pequena burguesia e neutralizando sectores da média burguesia. A ditadura democrática popular é a forma específica que toma a ditadura do proletariado nesta etapa.

O regime democrático popular estabelece-se pelo derrubamento violento do poder actual, pela insurreição popular armada e prepara a passagem sem interrupção à revolução socialista. O programa da democracia popular realiza as aspirações das grandes massas do povo português no momento actual: novo poder democrático impondo a vontade do povo sobre os reacçãoários e garantindo as mais amplas liberdades, expulsão do imperialismo, política de independência nacional, nacionalização do grande capital e controlo operário, reforma agrária expropriando os latifúndios e defendendo a pequena e média empresa agrícola, expansão económica e bem-estar do povo, protecção ao pequeno comércio e indústria, respeito dos direitos da mulher, educação e cultura para as massas.

A República Popular surgirá do triunfo da grande frente de luta do nosso povo, erguendo contra o fascismo, o imperia-

lismo, o grande capital e os latifundiários, as cinco bandeiras da verdadeira democracia: Pão, Terra, Liberdade, Independência Nacional, Paz.

A teoria revisionista da «construção da sociedade democrática a caminho do socialismo» conduz a um único fim: a conservação do capitalismo sob novas vestes. Falseia a necessidade de a classe operária se afirmar como força política independente e dirigente de todo o povo no assalto e destruição violenta do aparelho de estado burguês.

Por outro lado, agitar a «revolução socialista» como palavra de ordem imediata, como fazem certas correntes políticas, significa dividir o povo, negar o papel do campesinato na Revolução e adiá-la indefinidamente por «falta de condições».

Finalmente, propagar a ideia de que a Revolução se fará pelo gradual alastramento dos órgãos de vontade popular, confundidos com órgãos do «poder popular», enquanto a burguesia mantém o seu aparelho de Estado, significa defender, por outras palavras e com cores radicais, a «transição pacífica» dos revisionistas.

Contra estas falsas soluções se ergue a linha da revolução democrática popular, em cuja luta o povo português, encabeçado pela classe operária, se liberta de ilusões, constrói a mais larga unidade, isola os seus inimigos e resolve a seu favor a alternativa «fascismo ou revolução».

### III

#### LIÇÕES DA LUTA DE CLASSES

— DO 25 DE ABRIL AO 25 DE NOVEMBRO

A queda da ditadura e do colonialismo lançou em sérias dificuldades o punhado de grupos monopolistas altamente parasitários que, à sombra do fascismo, tinham lançado os tentáculos sobre toda a vida nacional. Capitaneados pelo imperialismo

partidos burgueses. O PS, PPD e CDS, fortalecidos com os resultados das eleições de Abril, lançaram-se ao contra-ataque, apoiados pela hierarquia reaccionária da Igreja e por uma parte do clero rural. Os bandos fascistas lançaram-se nos atentados, saques e incêndios, enquanto os revisionistas se apossavam dos meios de informação e organizavam uma nova polícia política. A disputa, acirrada dum lado pelos Estados Unidos, do outro pela URSS, ameaçava conduzir o país à guerra civil ou a ser campo de batalha entre as duas superpotências.

É certo que o movimento popular de vanguarda conseguiu tirar alguma vantagem da disputa que opunha os revisionistas aos restantes partidos burgueses; aproveitando-se da paralisação a que chegara o aparelho político e militar, impôs novas conquistas e criou novas formas de organização. Na grande manifestação de 20 de Agosto em Lisboa, as massas atraíram para o seu lado a ala radical do MFA e apresentaram, com o documento dos oficiais do Copcon, uma alternativa democrática à situação, rejeitando tanto o fascismo como a social-democracia e o revisionismo, tanto o domínio dos EUA como o da URSS.

Mas faltava uma direcção revolucionária marxista-leninista, faltava o Partido Comunista, único capaz de conduzir este movimento ao triunfo. O «esquerdismo», a rigidez táctica, o isolamento da vanguarda em relação às largas massas da cidade e do campo, o desprezo pela organização, não permitiram que o movimento popular tomasse o comando dos acontecimentos. A luta política continuou a ser dominada pelos golpes e contra-golpes entre fascistas, revisionistas e social-democratas, manejados pelos imperialistas americanos, soviéticos e alemães, em prejuízo da classe operária, dos camponeses, do povo, da pequena burguesia democrática, em prejuízo dos interesses nacionais.

A experiência destes meses confirmou aquilo que de há muito os marxistas-leninistas vinham dizendo sobre o revisionismo. O grupo revisionista de Cunhal é um destacamento especial de sabotagem no interior do movimento operário e popular, onde actua como agente do social-imperialismo soviético: usando

as massas como tropa de choque, lançou-se à conquista de postos no aparelho de Estado, nos altos comandos militares, na informação, etc. A sua ambição era vir a tornar-se o gerente de um regime de capitalismo de Estado denominado «socialista» e, ao mesmo tempo, abrir as portas à penetração do social-imperialismo soviético.

A política contra-revolucionária dos revisionistas levou a que, na maioria dos casos, as reivindicações populares desenvolvessem em falsas saídas e nunca golpeassem seriamente o inimigo. A natureza da clique revisionista de Cunhal foi e é a de destruir por dentro o movimento revolucionário, estabilizar o poder burguês, cortar o caminho à Revolução. Neste sentido, os revisionistas foram cúmplices activos da reorganização da direita e do imperialismo americano.

A base social em que assenta o grupo cunhalista não são os operários e outros trabalhadores por ele iludidos e que procuram, sob a sua direcção, desenvolver a luta contra o fascismo, a exploração e o imperialismo. A base social do revisionismo está em certos sectores da aristocracia operária, da burocracia sindical e partidária, dos quadros técnicos e intelectuais, ávidos, egoístas e sem escrúpulos, completamente corrompidos pela mentalidade burguesa imperialista, dispostos a entregar Portugal à partilha das duas superpotências.

---

#### AS LIÇÕES DO 25 DE NOVEMBRO

---

A viragem reaccionária do 25 de Novembro vinha sendo preparada desde há meses. A crise política que se agudizou desde Agosto-Setembro tinha causas profundas: por um lado, o avanço do movimento popular e do movimento dos soldados provocou a instabilidade das instituições burguesas e a paralisação da sua capacidade repressiva. Por outro lado, a burguesia reaccionária, ligada ao imperialismo americano e europeu, julgou chegado o momento de impor condições depois de ter

amedrontado e dividido os militares com o boicote e a chantagem. Perante esta investida, os políticos burgueses pactuaram com a direita fascista e vergaram-se às exigências do capital. Os seus planos de governo são virados, não contra as forças do fascismo, mas contra as reivindicações populares e o movimento de massas: indemnizações aos capitalistas, medidas restritivas da reforma agrária, garantias aos investimentos nacionais e estrangeiros, diminuição dos salários e aumento dos preços, tentativa de imposição da censura. Esta vergonhosa política chocou-se com a oposição das massas trabalhadoras, do movimento dos soldados, das forças democráticas e patrióticas, dispostas a manter a bandeira da democracia e a defender as conquistas tão arduamente alcançadas.

A burguesia compreendeu que, para pôr em prática o seu programa anti-popular precisava, em primeiro lugar, de esmagar o movimento democrático dos soldados e marinheiros, liquidar a democracia nos quartéis e recuperar o Exército como tropa de choque repressiva.

A política aventureira de algumas forças, empurrando oficiais antifascistas para acções de desespero, associada à táctica revisionista de utilizar esses oficiais e o movimento dos soldados como força de pressão para alterar a relação de força na cúpula militar (Conselho da Revolução), tornou o movimento popular extremamente vulnerável a uma provocação de direita.

Essa provocação deu-se no 25 de Novembro e foi cuidadosamente prevista e preparada pela direita, com o auxílio dos serviços secretos americanos e alemães.

O 25 de Novembro representa um duro revés para o campo popular e democrático. Aproveitando-se da situação criada, as forças de direita recuperaram posições e reforçaram o seu poder militar. Deu-se uma alteração na situação, extremamente favorável aos fascistas. Para estar à altura de enfrentar a situação, o Partido tem de corrigir perigosos erros políticos que o 25 de Novembro mostrou terem-se infiltrado na actividade dos grupos marxistas-leninistas. Quais foram esses erros?

A facilidade com que, em poucos dias, a ofensiva reaccionária paralisou a iniciativa do movimento popular e lhe começou a desferir golpes, mostra que ao movimento popular e democrático faltava uma direcção revolucionária. As grandes massas trabalhadoras encontravam-se ainda debaixo das ilusões espalhadas por reformistas e revisionistas. Acreditavam que seria possível levar de vencida o grande capital e o imperialismo, gradualmente, através de pressões e reformas. Viam a solução para os seus problemas não na luta revolucionária, mas na modificação da composição do governo e do Conselho da Revolução, na acção dos militares ligados ao partido revisionista. Ainda não tinham feito a sua passagem para o caminho revolucionário, confiavam na protecção militar dos oficiais progressistas, encontravam-se desprevenidas e desarmadas perante um ataque fascista. Os grupos marxistas-leninistas não souberam analisar e actuar para o combater. Não fizeram em cada momento um balanço rigoroso das forças em presença. Comportaram-se como se fosse possível uma rápida passagem das massas para a via revolucionária. Os marxistas-leninistas não foram capazes de apresentar alternativas políticas de modo a combater com firmeza a tendência de que seria possível avançar só com uma pequena vanguarda.

Não souberam cortar de vez com o «esquerdismo», o sectarismo e o aventureirismo no trabalho político de massas. Desprezaram a absoluta necessidade de arrancar a influência revisionista e reformista do movimento popular por meio de um trabalho diário nos sindicatos, nas comissões, nos órgãos populares, de esclarecimento político e defesa dos interesses das massas. Fecharam-se os olhos aos erros e fraquezas e exageraram-se os êxitos. O triunfalismo inundou a actividade dos grupos marxistas-leninistas.

O 25 de Novembro revelou também como o movimento nas grandes cidades, principalmente em Lisboa, e em parte do Alentejo, se encontrava completamente isolado do resto do país. A actividade política foi desenvolvida fundamentalmente nas cidades. Na prática, a aliança que servia de base ao movimento

popular era entre a classe operária e a pequena burguesia, e não a aliança operário-camponesa. O 25 de Novembro mostrou mais uma vez que se o movimento popular e democrático não contar com um sólido apoio no campo, torna-se facilmente vulnerável à investida fascista. A aliança operário-camponesa é a única base em que poderá assentar a unidade antifascista do nosso povo. Os grupos M-L e outras forças revolucionárias não souberam reconhecer esta realidade, não viraram esforços para o campo, desprezaram o movimento de protesto contra a exploração e a vida de miséria levantado pelos camponeses. O desprezo pelo movimento camponês deu todas as armas à direita para a sua actuação e criou uma perigosa separação entre o Norte e o Sul do país.

Finalmente, o 25 de Novembro comprovou na prática que a resistência à aplicação de uma verdadeira política de frente, a persistência no sectarismo e no obreirismo, isola os revolucionários consequentes das massas e de outros sectores democráticos e conduz à derrota certa. Mostrou que a incapacidade dos grupos marxistas-leninistas em aplicarem uma tática ampla de frente deixou todo o campo livre para os traidores revisionistas dominarem e corromperem sectores e forças que pertencem ao campo popular revolucionário, e não ao campo da contra-revolução.

A luta de classes que se travou nos últimos meses mostra que a alternativa em que se move o nosso país é: ou se desferem golpes revolucionários no poder do grande capital e do imperialismo, ou eles tentarão por todas as formas voltar a impor a sua ditadura terrorista. «Fascismo ou Revolução» é a bússola que nos deve orientar: aponta o inimigo principal e o meio de o abater. Não poderemos avançar sem essa bússola a dar-nos o norte. Mas isto não significa que se hoje não se fizer a Revolução teremos fatalmente o fascismo. Significa que o Partido tem de coesionar o campo revolucionário, encabeçando a luta pelo Pão e pela Liberdade, contra as forças negras do fascismo, na certeza de que não há terceira via, não há solução democrática estável.

Na profunda crise económica, política e social que atravessamos, a burguesia já não consegue governar sem uma política de repressão sobre o movimento popular. Essa repressão já começou e a sua lógica conduz ao fascismo. Mas se o povo se levantar em massa dispõe de força suficiente para barrar o caminho ao fascismo e avançar na Revolução.

#### IV

### ERGUER A FRENTE ANTIFASCISTA E PATRIÓTICA, TAREFA CENTRAL DO PARTIDO

Até hoje a tarefa central dos comunistas era **reconstruir o Partido**. Agora que o Partido existe, a tarefa central dos comunistas é **construir a Frente Antifascista e Patriótica** do povo português. A porta que se abriu ao avanço do fascismo com o 25 de Novembro só serve para mostrar a urgência que há em cumprir tal tarefa.

Está criada uma situação em que pesam extraordinários riscos sobre a liberdade e todas as conquistas democráticas do povo. O perigo do fascismo é real. Os grandes capitalistas e imperialistas, apoiados nos homens do MDLP instalados nos altos comandos militares e nos agentes da CIA, aguardam a melhor oportunidade para desencadear um golpe fascista. O VI governo, amarrado pelos empréstimos e a NATO aos imperialistas americanos e à social-democracia alemã, está com a sua política a abrir o caminho ao fascismo. Dispondo de força militar e contando com a cumplicidade activa do partido revisionista, desencadeou uma grande ofensiva contra o movimento popular. Depois de liquidar as conquistas democráticas dos soldados e de controlar a imprensa, tenta estabilizar a situação económica, servindo o capital e o imperialismo, aumentando a exploração, restringindo as liberdades. Se esta política for levada por diante, rapidamente estarão criadas todas as condições para um golpe fascista vitorioso.

Neste momento, ao Partido apresenta-se uma tarefa política central imediata: impedir a todo o custo o golpe fascista em preparação, defendendo as liberdades e as conquistas populares, lutando contra a repressão governamental. As forças populares já mostraram que têm forças para travar a escalada reaccionária e que a vitória do fascismo não é inevitável. Mas para isso é preciso que o povo forme uma barreira intransponível, uma larga frente de luta. Frente tão ampla quanto o povo, ela assenta em duas sólidas pernas sem as quais não se poderá manter de pé e muito menos avançar: a unidade da classe operária e a aliança operário-camponesa.

#### A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA

A classe operária é a única força capaz de encabeçar o movimento de organização e luta do Povo, pelo Pão e pela Liberdade, porque é a única classe que nada tem a perder mas só a ganhar com esta luta. Porque é aquela que de forma mais concentrada experimenta na carne a exploração e a opressão — fonte e base da sociedade capitalista.

Mas para que a classe operária cumpra esse seu papel histórico tem de estar unida, organizada, virada para a Revolução, e isso ainda não acontece. A classe operária não é ainda a força revolucionária, consciente e organizada, capaz de derubar todos os obstáculos e conduzir o povo atrás de si. Torná-la nessa força é uma tarefa de grande fôlego que passa pela mobilização diária, para as lutas mais diversas, pequenas e grandes, por objectivos não apenas políticos como económicos e sociais — mais liberdade, mais pão, melhores condições de vida e de trabalho!

É toda esta uma tarefa imperiosa e urgente, que o Partido Comunista, agora reconstruído, chama sobre os seus ombros. Só ele, como força organizada da classe que é, a pode levar a bom termo. Só ele está à altura de indicar com clareza

o inimigo capitalista contra quem se terá de unir a classe na sua luta, criando ao mesmo tempo a condição básica para o triunfo dessa luta — a expulsão dos traidores revisionistas do seu seio.

Nesse sentido, o PCP (R) terá de dar uma direcção firme a todos os órgãos e organismos que a classe espontaneamente já forjou para se defender na sua luta pelo Pão e pela Liberdade. Terá de definir uma política para as Comissões de Trabalhadores, decerto primeiro alvo da ofensiva burguesa desencadeada. Terá de encontrar as bases de organização e luta dos desempregados. E, muito em especial, terá de vencer o atraso em que se acha na conquista dos Sindicatos, a base mais ampla da unidade da classe operária. A fraca influência nos sindicatos é sinal da falta de ligação à classe operária.

Os sindicatos ainda não são hoje, na sua maioria, instrumentos de luta da classe, mas instrumentos de domínio dos revisionistas sobre a classe. Mas para arrancá-los das mãos deste poderoso agente da burguesia, o que se tem feito? Medidas organizativas más e anárquicas, nenhuma direcção e linha política.

É esta uma prática que o Partido tem de alterar radicalmente. Pode não haver ainda uma linha sindical precisa, mas existem já princípios e trabalho que até para a definição dessa linha são preciosos. São eles cinco:

1) O trabalho sindical ergue-se a partir das fábricas. É na capacidade que mostre de detectar e enquadrar as mais diversas reivindicações que a classe manifesta na fábrica que se conquistam direcções sindicais.

2) A luta directa pelas direcções sindicais não pode constituir de momento o motor da ofensiva sindical. Mas é importante até mesmo para a ofensiva sindical nas fábricas. Não pode pois continuar como até aqui entregue ao improvisado e ao artesanismo organizativo. Sem fracções sindicais dinâmicas, solidamente apoiadas pelo CC, nenhum fruto pode vir da agitação sindical que representam hoje para o Partido as eleições sindicais.

3) O trabalho sindical parte do sentir real das massas. Partir da consciência que gostaríamos de ver nelas, desprezar, por impróprias de comunistas, as lutas por pequenas reivindicações é abandonar as massas. É o «esquerdismo», é a seita. Nada tem a ver com o Partido.

4) A unidade da classe operária tem de se construir contra o revisionismo. Mas a influência revisionista não se esmaga por cima do movimento: só de dentro! Os comunistas têm de saber levar a classe a tomar consciência da natureza traidora do revisionismo, levando-a a essa consciência pela prática da sua luta de todos os dias.

5) As comissões de unidade e as fracções comunistas são instrumentos de participação e intervenção na vida sindical. Não são nem podem ser o que têm sido até hoje: simples instrumentos de apresentação de candidaturas e de contestação das direcções amarelas.

#### A ALIANÇA OPERARIO-CAMPONESA

Em estado ainda mais atrasado que a unidade da classe operária encontra-se a aliança operário-camponesa. E isto já trouxe graves prejuízos à Revolução. Foi na realidade o facto de não existir essa aliança que permitiu à burguesia separar o Norte do Sul, e fazer o dia 25 de Novembro.

E, no entanto, existe um movimento camponês democrático e revolucionário que se generalizou depois do 25 de Abril. A burguesia empurrou os camponeses de certas regiões contra a classe operária mas apoiando-se num movimento real, que é democrático e revolucionário pelos seus objectivos e formas de luta. Na verdade os camponeses querem mudanças e não esperam que essas mudanças lhes sejam oferecidas numa bandeja. Organizam-se e lutam por as conseguir. Eles exigem o fim da exploração e dos intermediários; eles exigem terra, subsídios e apoios técnicos, electricidade, estradas, escolas.

Se o movimento camponês tem sido utilizado em vários pontos do país para as manobras políticas do fascismo e do imperialismo, a explicação não está no movimento camponês mas na grande provocação anti-comunista levada a cabo pelos revisionistas e na incapacidade que os revolucionários tiveram para a anular.

Os revisionistas surgiram nos campos usando o nome honroso de comunistas e sujaram-no; apresentaram-se como defensores da Reforma Agrária e do bem-estar dos camponeses — na verdade vieram-nos oprimir e amordaçar. As suas comissões liquidatárias dos grémios apareceram em nome da necessidade de se liquidar o fascismo nos campos — na verdade vieram ajudar a afundar a economia dos camponeses, aumentaram a sua exploração e miséria. Enfim: em nome do comunismo, desprezaram e calcaram as mais justas aspirações camponesas, possibilitando assim que o caciquismo reaccionário e os fascistas lhes apontassem o comunismo e a classe operária como os seus grandes inimigos.

Entrar no movimento camponês e encabeçá-lo é o objectivo do nosso Partido. Até agora os marxistas-leninistas desprezaram o trabalho no campo e nem sequer sintetizaram e aproveitaram as experiências de luta que já existem. Esta prática contribuiu objectivamente para que os camponeses, na ausência de uma direcção revolucionária, fossem manobrados por vezes pelos fascistas.

Esta tarefa exige dos comunistas, em primeiro lugar, humildade, no sentido de que só se aprende a nadar metido na água. Em segundo lugar, exige que para desenvolver o trabalho comunista nos campos não seja poupado nenhum esforço organizativo.

O Partido terá contra si a inexperiência e a tremenda desconfiança que os fascistas e os revisionistas, cada um de sua forma, conseguiram provocar entre os camponeses, nos seus irmãos das fábricas. Mas tem a seu favor o facto de que o ímpeto revolucionário e as reivindicações dos camponeses

nunca poderão ser satisfeitos pelos fascistas nem pela burguesia. Os pobres da terra estão em luta e essa luta é a garantia de solidez do laço que os tem de unir à classe operária.

#### APOIAR A UDP, SECTOR AVANÇADO DA FRENTE

Durante a sua curta existência, a UDP desempenhou um papel de enorme valor no movimento popular revolucionário. Conduziu um persistente trabalho de esclarecimento político do povo. Propagandeou em grande escala o programa da Democracia Popular. Combateu as ilusões reformistas. Denunciou a política enganadora e traiçoeira dos partidos burgueses, de todos os falsos amigos do povo. Encabeçou grandes acções de massas em favor de uma democracia verdadeira e da independência. Apoiou com decisão e coragem todas as lutas do nosso povo contra a exploração e opressão. Facto único na Europa desde a traição do revisionismo moderno, a UDP fez eleger um deputado revolucionário para a Assembleia Constituinte, que defende com intransigência os interesses do povo e ataca os seus inimigos, aproveitando justamente aquela tribuna para denunciar os exploradores e opressores cujos representantes ali se acoitam.

Mas se estes factos são importantes, não poderemos de forma nenhuma esquecer aspectos negativos que impossibilitaram a UDP de se afirmar de forma mais vigorosa como força popular revolucionária. Para esse facto muito contribuíram os erros da actividade dos comunistas no seu seio.

Em nome da sua tarefa central, a reconstrução do Partido, muitos comunistas só se interessavam em trabalhar na UDP com a finalidade de fazer recrutamentos, descurando por completo a ligação dos núcleos às massas, condição necessária para uma frente se alargar e implantar. Também a democracia interna e a vida política dos núcleos não eram suficientemente respeitadas. Por outro lado, os comunistas utilizaram muitas

vezes a própria UDP para fazerem agitação e propaganda comunista. Por isso, é justo afirmar que os comunistas seguiram uma política sectária que favorecia a tendência dos núcleos para se fecharem sobre si e virarem as costas à luta de massas. Numa palavra, os comunistas, em vez de serem os melhores defensores e servidores do povo, tiveram uma actividade mais própria de quem quer pôr a UDP ao seu serviço.

O sectarismo político dos comunistas na UDP levou-a a ser ela própria sectária. Por isso a UDP resistiu à utilização de uma táctica apropriada, resistindo à importância de desagregar o campo inimigo e neutralizar sectores hostis, resistindo a lutar por objectivos «demasiado elementares» das massas e desprezando a necessidade de dar resposta sistemática às questões políticas do momento — tudo isso numa atitude sectária de quem considera «já está aí a revolução». Desta forma foi impossível vencer o esquerdismo e o obreirismo que marcaram as intervenções públicas da UDP desde o início.

O nosso Partido terá que corrigir estes aspectos e lutar para fazer de cada militante o melhor servidor das massas e o mais escrupuloso defensor da democracia interna na UDP. O nosso Partido defende com firmeza e apoiará sem reservas o reforço e o alargamento das fileiras da UDP, força política prestigiada para cuja formação e actividade o papel dos comunistas foi determinante. O PCP (R) considera a UDP uma organização política popular indispensável para as grandes lutas que se avizinham.

Na construção da ampla frente, a UDP desempenha um papel preponderante. Dispondo já de um programa que indica o sentido da luta actual e o objectivo da Revolução Democrática Popular, a UDP poderá tornar-se a curto prazo uma organização muito ampla, onde caibam os melhores combatentes do povo, e chamar às mais diversas iniciativas comuns outras forças políticas e partidos antifascistas e anti-imperialistas.

O PCP (R) luta pela mais ampla unidade na acção concreta na base, com todas as forças que representem camadas do povo, com o fim de barrar o caminho ao golpe fascista, arredando todo o sectarismo político.

O esforço central do Partido para unir o povo neste instante é dirigido para os órgãos de vontade popular, os sindicatos e a UDP, no sentido de lhes dar rapidamente a maior base possível de massas e de os mobilizar para as lutas imediatas contra a carestia da vida e o desemprego, pelas liberdades democráticas e contra a repressão, pelas reivindicações dos camponeses pobres e a salvaguarda das conquistas dos assalariados rurais do Alentejo.

Nos órgãos populares unitários, que podem assumir um carácter político, como é o caso dos órgãos de vontade popular, o PCP (R), para impulsionar a luta contra a ofensiva política e económica da direita, deve dar particular atenção ao reforço da sua ligação às massas que representam e impulsionar, ao mesmo tempo, a criação e o desenvolvimento de estruturas que os ligam entre si.

Na frente económica encontram-se como órgãos particularmente importantes além dos Sindicatos: as Cooperativas, as Associações de pequenos comerciantes e artesãos; órgãos que se têm colocado à cabeça das reivindicações imediatas na luta pela Paz e pela Terra.

Quanto à organização revolucionária das mulheres, dos jovens, dos estudantes e intelectuais, grupos sociais que se mobilizam pela sua emancipação económica, social e cultural, resta praticamente tudo por fazer. Em relação a essas frentes de luta, o aspecto essencial da actividade do nosso Partido é abri-las e coesionar a corrente de simpatia pelos ideais da Democracia Popular que existe nesses grupos.

Os organismos e associações antifascistas têm tenaz-

mente mantido bem acesa a luta pela justiça popular e contra o fascismo e os carrascos do povo, que espezinharam durante meio século os mais elementares direitos e liberdades.

Associações de amizade e solidariedade internacionalista e anti-imperialista educam o povo português na fraternidade militante com os explorados e oprimidos de todo o mundo, em particular pela propaganda das vitórias e conquistas dos povos que constroem o socialismo.

As associações, colectividades e grupos culturais colocam-se na primeira linha da cultura popular, democrática e revolucionária, lutam contra as manifestações ideológicas de conteúdo imperialista, de defesa da exploração e ainda contra o embrutecimento cultural do nosso povo através das estruturas burguesas da educação, da informação e da cultura.

O PCP (R) deve bater-se para estender o âmbito de acção deste tipo de estruturas populares de forma a conseguirem atingir rapidamente o papel de relevo que lhes compete. Só de uma forma organizada e estruturada, as mais vastas camadas do povo podem tornar uma força actuante a grande frente antifascista e patriótica.

## V

### UNIDOS AS MASSAS, VENCEREMOS

---

#### OS COMUNISTAS, SERVIDORES CONSCIENTES DO POVO

---

A ligação dos comunistas ao movimento operário e popular, sobretudo depois do 25 de Abril, foi a alavanca decisiva que mudou a qualidade do movimento marxista-leninista e o transformou numa corrente irresistível que trouxe os comunistas até ao Congresso de Reconstituição do Partido Comunista. A experiência, curta mas intensa, da grande parte dos nossos



militantes no fogo da luta de massas levou-nos à vitória sobre os grupos.

A aplicação da linha de massas ver-se-á no alargamento da frente. Enquanto não conseguirmos alargar a frente, tirando todas as preciosas lições da nossa experiência na UDP e em todas as frentes de luta, não teremos autoridade para falar das massas populares a torto e a direito. Neste campo, como em todos, o critério da prática é decisivo.

Os comunistas não estão na luta das massas para a «controlar» nem, apenas, para «conquistar a sua simpatia». Os comunistas estão na luta das massas para as servir com humildade e com firmeza, para aprender com elas e educá-las para a Revolução. Dirigir as massas não é «controlar»; é clarificar as ideias e os objectivos da luta, apontar claramente o inimigo, organizar a luta e participar nela, sendo os melhores lutadores, os mais exemplares.

Os comunistas não lutam pelo povo por interesse próprio ou pessoal, mas sim porque são o Partido da classe operária. E a missão histórica da classe operária é libertar-se completamente a si própria, dirigindo a luta libertadora de todo o povo.

Os comunistas lutam pelo povo porque «o povo e só o povo, constitui a força motriz da história universal», como afirmou o camarada Mao Tse-tung. Todos os comunistas devem eliminar, pedra a pedra, as muralhas burguesas que os separam das massas, da confiança das massas, e do amor sem limites ao nosso povo.

---

O PARTIDO AFIRMA-SE NA LUTA  
CONTRA O SECTARISMO E O OBREIRISMO

O sectarismo é tudo aquilo que nos isola das massas e nos impede de as servir e de as dirigir. Ser sectário é desprezar as massas, que são todo o povo e que os comunistas têm que ser capazes de unir, para o levarem a fazer a revolução e a transformar a sociedade.

Há duas maneiras principais de ser sectário com as massas: uma, é a maneira direitoista e dogmática; outra, é a maneira «esquerdista» e espontaneísta.

No primeiro caso, estão os camaradas que têm tendência para se fecharem em grupos, para se fecharem nas células, nos núcleos da UDP ou num círculo restrito de amizade. Esses camaradas satisfazem-se com discussões e discussões, enquanto o povo anda a seu lado a lutar pela vida nas fábricas e empresas, nos bairros, nas aldeias, etc. Este é o sectarismo direitoista e dogmático, de que os produtos acabados são os grupelhos de papagaios provocadores que vão pregando a entrega do povo à reacção e ao fascismo.

No segundo caso, está a tendência para não respeitar os sentimentos e as aspirações das massas, indo para o seu seio fazer propaganda e agitação do socialismo e do comunismo, sem se preocupar em saber se essas massas os compreendem e se já anseiam pelo socialismo e pelo comunismo. Quem procede assim, torna-se incapaz de servir o povo, de o unir, de o educar para a luta e de o organizar. Este sectarismo é espontaneísta e toma cores de «esquerda», e o seu produto mais acabado são os grupos e partidos de cores muito «revolucionárias», que mais não fazem do que entregar o movimento popular, numa bandeja, aos revisionistas e aos reaccionários e fascistas.

Tanto uma como outra destas tendências são a expressão do espírito de grupo (ou de seita) na luta pelas massas, e rebaixam a missão do Partido e a sua tarefa central, a frente ampla. Tanto uma como outra levam a entregar o movimento popular à burguesia.

Na nossa experiência de luta pelo Partido e pelas massas fomos afectados também pelo obreirismo. O obreirismo adula os sentimentos mais atrasados dos operários. Enquanto lhes passa a mão pelas costas, impede-os de se afirmarem como classe dirigente no campo popular e na frente ampla, sobretudo porque os isola dos seus principais aliados, os camponeses. Desse modo, o obreirismo pode levar o movimento operário

a tornar-se presa fácil da pequena burguesia radical, cuja tendência é arrastá-lo para o isolamento, as aventuras e as grandes derrotas.

O obreirismo é, por isso, de um ponto de vista de classe, uma manifestação da ideologia da pequena burguesia radical.

A actividade dos grupos agora liquidados traduziu uma forte influência desta tendência nos comunistas reconstrutores do Partido. Essa influência não se pode desligar da herança que o movimento operário português vem trazendo de muito longe, ou seja, desde as raízes anarco-sindicalistas do nosso velho PCP. Na sua tática, na sua luta na empresa e no sindicato, na UDP e, sobretudo, na campanha eleitoral para a Constituinte e ainda na pobreza do seu trabalho para o campo, os grupos marxistas-leninistas revelaram a profundidade desse mal que os levou a cometer erros graves que só conseguiremos rectificar com aturado trabalho e aturado espírito de auto-crítica.

O nosso Partido, ao edificar-se, deve lutar contra essas tendências que nos afastam do povo e da Revolução: o sectarismo e o obreirismo.

#### COMO DERROTAR OS REVISIONISTAS

A nossa ligação ao povo e a afirmação da nossa capacidade de o dirigir passam por uma dura luta contra a influência do partido revisionista nas massas populares.

Qual é o método para expulsar os revisionistas das massas? Esse método assenta nas seguintes bases:

a) As aspirações das massas: é no fogo da luta contra o inimigo principal que os comunistas farão ver às massas como os revisionistas são contra-revolucionários e sabotam o seu movimento.

b) A experiência das massas: é na própria prática quotidiana da traição revisionista que as massas descobrem a sua natureza de inimigos infiltrados.

c) A prática honesta e firme dos comunistas: as massas não conhecem o revisionismo na sua natureza profunda; as massas conhecem a prática oportunista dos revisionistas mas desconhecem o carácter altamente elaborado e organizado desse oportunismo; só um comportamento exemplar dos comunistas no seio das massas, marcado pela honestidade, a rectidão, a democracia e a firmeza perante os inimigos identificados pelas massas, poderá levar as massas a expulsar os revisionistas com a consciência adquirida de que o seu oportunismo é de qualidade diferente.

d) A confiança nas massas: com a ajuda do exemplo e do papel educador dos comunistas, as massas acumulam experiência todos os dias e tornam-se capazes de avançar na luta; os comunistas devem confiar sem reservas na capacidade das massas para expulsar os revisionistas logo que nós as tenhamos ajudado a identificá-los.

Se agirmos correctamente e formos firmes combatentes pelos interesses do povo, levaremos as massas a expulsar os revisionistas dos poleiros onde se enfiaram com as suas falas mansas e a sua aparência democrática. Se não agirmos correctamente, poderemos talvez expulsá-los de qualquer lugar, mas isso não será definitivo porque as massas não terão adquirido consciência e os revisionistas voltarão aos seus lugares no dia seguinte. Temos que combater o triunfalismo anti-revisionista nas fileiras do Partido.

A máscara «democrática» dos revisionistas só pode ser arrancada de vez com a nossa prática exemplar da democracia. Responder aos golpes dos revisionistas com contra-golpes nossos é reforçar os revisionistas e isolarmo-nos das massas. A nossa actuação no seio das massas deve ser transparente, clara aos olhos de todos.

Não existe um campo revisionista e um campo anti-revisionista. O que existe é um campo contra-revolucionário e um campo popular. Os revisionistas são agentes disfarçados do campo contra-revolucionário no campo popular. E fazendo fogo contra a cabeça do campo contra-revolucionário, o fascismo e o

imperialismo, que os comunistas obrigarão os revisionistas a tirar, uma a uma, todas as suas máscaras.

Por isso, podemos dizer que a gritaria «anti-social-fascista» de certos grupos se resume a uma gesticulação estéril feita de fora do movimento popular. Essas práticas favorecem a contra-revolução e os seus agentes, favorecem o fascismo e o revisionismo, e são travões à Revolução.

#### LEVANTEMOS A BANDEIRA DA LUTA POPULAR!

No imediato, a frente antifascista e patriótica ergue-se canalizando para uma frente comum todas as forças que neste momento são capazes de lutar contra o avanço do fascismo e de barrar o caminho ao seu golpe sangrento.

É nas diversas frentes de luta, e com o impulso e a direcção do Partido Comunista, que todas essas forças irão encontrando formas de organização cada vez mais elaboradas e amplas, irão descobrindo pela experiência a identidade dos seus interesses e dos seus inimigos na Revolução. Assim, percorrerão, com a classe operária à cabeça, o caminho até à tomada do poder.

Entranhar-se a fundo nesse vasto e variado movimento e colocar-se decididamente à cabeça das lutas que a farão avançar, eis a condição para que o PCP(R) venha a garantir a hegemonia da classe operária na Revolução, condição indispensável do seu êxito. É na luta que o nosso Partido vai enriquecer a sua linha política e vai alargar e temperar as suas próprias fileiras.

Neste momento, a situação das massas agrava-se de dia para dia. O descontentamento alastra. Existem condições para levantar um grande movimento de protesto contra a carestia, o desemprego, a miséria nos campos, as medidas contra a reforma agrária no Alentejo, a repressão sobre o povo e a benevolência para com os fascistas. É ao Partido que cabe tomar a cabeça desse movimento. Deve agarrar a bandeira das reivindi-

cações das massas, chamá-las à luta, apontar-lhes objectivos claros e dar-lhes perspectivas políticas que unam todo o caudal do descontentamento popular num amplo movimento que se tornará capaz de fazer frente a qualquer golpe fascista.

**A luta pela Liberdade** — Defesa intransigente das liberdades democráticas, de associação, de reunião, de manifestação, de imprensa, de greve, contra os atentados reaccionários do governo; contra as prisões e as rusgas, criar comissões de luta pela libertação imediata dos antifascistas presos. Erguer uma barreira à libertação dos pides e fascistas, exigir a sua condenação, fazer frente ao ELP, mobilizar as massas para prosseguir o saneamento dos fascistas. Os fascistas fora do Exército, do Estado, das empresas e dos bairros! Apoio à luta dos soldados contra o militarismo fascista, em defesa do direito à palavra e à reunião. Luta pela dissolução da PSP e GNR, que continuam a ser fascistas. Defesa diária da liberdade sindical e do funcionamento democrático dos sindicatos, defesa da legalidade das comissões de trabalhadores, de moradores e de aldeia; contra a censura e o controlo da imprensa pelo grande capital, defesa da cultura popular e democrática.

**A luta pelo Pão** — O povo não tem que pagar a reorganização capitalista-imperialista. Se a economia está em crise, a culpa não é dos trabalhadores que nunca deixaram de trabalhar, mas dos parasitas burgueses. O VI governo não tem o direito de impor um plano de austeridade aos trabalhadores, ao mesmo tempo que se prepara para pagar grossas indemnizações aos capitalistas e latifundiários expropriados. Luta frontal e massiva contra a carestia galopante, resistência organizada à especulação. Luta contra o congelamento dos contratos colectivos, por imediatos aumentos de salários, jornas e ordenados, que façam face ao custo de vida. Sempre que necessário, o direito à greve deve ser utilizado sem hesitações. Luta solidária contra os despedimentos, organização e luta dos desempregados. Luta contra a miserável especulação com as rendas de casa, pelo direito a habitação decente para os trabalhadores.

**A luta pela Terra** — Defesa dos direitos e reivindicações do povo camponês, contra a miséria nos campos, contra a subida das rendas da terra, contra os impostos, as multas e os juros usurários. Pelo barateamento dos adubos, alfaias e pesticidas, pela elevação dos preços dos produtos agrícolas, pelo crédito e apoio do Estado às pequenas e médias empresas agrícolas. Luta em defesa das cooperativas agrícolas e para levar até ao fim a expropriação dos latifúndios sem direito a indemnizações. Luta por melhoramentos nas freguesias rurais: habitações, luz, estradas, transportes, escolas.

**A luta pela Independência Nacional e pela Paz** — Portugal continua tão subjugado ao imperialismo como no tempo de Salazar; os seis governos provisórios não se atreveram a levantar nem um dedo contra os interesses das superpotências e dos tubarões internacionais. Luta popular de massas pela saída da NATO, pela recuperação dos Açores para Portugal, pela expulsão das bases militares, dos conselheiros militares e dos espões da CIA. Pelo rompimento do criminoso Pacto Ibérico com o regime fascista de Espanha, pela solidariedade activa à luta dos povos de Espanha. Por um comércio externo justo, contra os contratos comerciais ruinosos com os imperialistas americanos, russos e alemães, contra todos os tratados desiguais e os empréstimos com condições políticas, venham de que bloco vierem, pela ligação aos países do 3.º Mundo.

Estes são os objectivos de luta imediatos que o PCP (R) defende para alargar a unidade do povo e de todas as forças democráticas e patrióticas. O nosso Partido confia sem reservas na capacidade de luta das massas e põe-se incondicionalmente ao seu serviço. O povo português não permitirá que regresse a noite negra do fascismo que o oprimiu durante meio século. O povo português, unido e organizado, conquistará um futuro luminoso e feliz, donde será banida a miséria, a opressão e o medo, caminhará irresistivelmente para o socialismo.

## O PARTIDO COMUNISTA, VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA DO POVO

### O PCP (R), DIRIGENTE OPERÁRIO E POPULAR

O Partido Comunista Português agora reconstruído nasceu em 6 de Março de 1921, em luta aberta contra o veneno anarco-sindicalista que dominava o movimento operário. O nosso Partido foi de forma incontestável a vanguarda organizada da classe operária durante dezenas de anos, o condutor das suas lutas contra o fascismo e o colonialismo, contra a exploração capitalista e o imperialismo, pela democracia popular e o socialismo. O passado do PCP, as suas lutas e os seus heróis, pertencem por inteiro aos comunistas marxistas-leninistas e não à camarilha revisionista de Cunhal que os traiu de alto a baixo.

A partir da reorganização de 1929, conduzida por Bento Gonçalves, e ao longo de dezenas de anos até 1956, o PCP foi a única organização que fez frente corajosamente à ditadura fascista de Salazar e levantou bem alto a bandeira da Liberdade e da Independência Nacional. Os milhares de comunistas que, ano após ano, enfrentaram a clandestinidade, as prisões, as torturas, o Tarrafal, mantiveram de pé a bandeira da resistência num país dominado pelo medo. Alex, Militão, Bento Gonçalves, José Moreira, Catarina Eufémia, Germano Vidigal e tantos outros assassinados fizeram viver o Partido e permanecem na memória do nosso povo como verdadeiros heróis.

É sob a direcção do Partido Comunista que se travam as grandes greves e lutas operárias de 1931-34 e de 1943-47, as campanhas pelas liberdades, com grandiosas manifestações e a criação de uma rede de organismos democráticos, a campanha em apoio dos povos de Espanha durante a guerra antifascista, a campanha contra a NATO em 1949-55.

Ao longo da sua existência o Partido popularizou sempre

na classe operária e nas massas o grande exemplo revolucionário da União Soviética de Lenine e Staline, as realizações socialistas da ditadura do proletariado; durante a guerra mundial, manteve acesa no povo a confiança na vitória final da URSS contra o nazismo; após a guerra, deu a conhecer as grandes vitórias do campo socialista, assim como as lutas dos povos oprimidos pela sua independência.

Porquê então, apesar de todos estes lados positivos, o Partido marchou para a degenerescência revisionista de 1956-63?

Desde a fundação do Partido, a luta entre o marxismo-leninismo e o oportunismo travou-se em más condições. A influência do anarquismo e do oportunismo pequeno-burguês fazia-se sentir fortemente no interior do Partido e opunha-se à assimilação e aplicação do marxismo-leninismo. Graves restrições da democracia interna, agravadas pelas condições de clandestinidade, e o isolamento do Partido da ajuda do Movimento Comunista Internacional, criaram um clima de praticismo estreito nas fileiras do Partido.

O praticismo, a actividade rotineira do dia-a-dia sem qualquer plano para a Revolução, apagou a demarcação entre a linha justa e o erro, criou no interior do Partido e da sua direcção um perigoso clima de conciliação com o oportunismo, que não permitiu que as batalhas ideológicas fossem levadas até ao fim. Este foi o terreno ideal para o avanço da linha burguesa na direcção do Partido.

É isto que explica que o corpo central de quadros dirigentes do Partido tivesse passado em bloco para o campo revisionista e que, no seu conjunto, o Partido não tivesse oferecido resistência à traição de 1956.

## A TRAIÇÃO REVISIONISTA

A partir de 1956, teve lugar na URSS e no Movimento Comunista Internacional a grande traição do revisionismo moderno, devido à infiltração do inimigo de classe nas fileiras comunistas.

Ao período que medeou entre o 20.º e 22.º Congressos do PCUS correspondeu, no nosso país, o período da destruição do Partido Comunista de Bento Gonçalves, Alex, Militão e Gregório pela camarilha de Cunhal - Pires Jorge - Pato - Fogaça. Em Março de 1956, ainda em Moscovo, a delegação do CC do PCP, sob as ordens de Kruchov, assina uma vergonhosa declaração conjunta com a direcção carrilhistas do Partido Comunista de Espanha, na qual apoia incondicionalmente o 20.º Congresso e se compromete a desistir da insurreição popular antifascista, para permitir uma «solução pacífica» em Portugal. O Comité Central do Partido submete-se sem luta a este autêntico golpe de Estado e adopta a linha revisionista. A partir de 1956, os dirigentes revisionistas passam a lutar arditamente contra o movimento revolucionário popular e contra o Partido.

A camarilha revisionista portuguesa, ao longo dos seus 5.º, 6.º e 7.º Congressos, foi despindo as roupagens do marxismo-leninismo, até acabar por riscar o princípio da ditadura do proletariado. Ela tem lutado com ódio concentrado contra o movimento marxista-leninista e as lutas da classe operária. Com a sua ânsia de tudo dominar, ela tem desagregado o movimento antifascista e patriótico do povo português, procurando pô-lo ao serviço das suas manobras e golpes.

O grupo de Cunhal afirma-se também como um instrumento dócil da política da clique revisionista da URSS nas suas iniciativas cisionistas contra o Movimento Comunista, o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia; ele torna-se um agente do social-imperialismo soviético no interior de Portugal e na sua actuação desagregadora e divisio-

nista junto do movimento de libertação nacional das colónias portuguesas.

A luta contra o revisionismo não é só uma luta ideológica, é sobretudo uma luta política vital para o proletariado e o povo português. A experiência mostrou que a luta contra o revisionismo não é só uma luta «para fora», mas também uma luta «para dentro» do Partido. Só a vigilância interna contra o oportunismo e as suas principais manifestações sectárias, grupistas e obreiristas pode armar o Partido para uma luta consequente contra o revisionismo.

#### A RECONSTITUIÇÃO DO PARTIDO

O aspecto central a assinalar é a extrema imaturidade ideológica e política da corrente marxista-leninista portuguesa até hoje. Foram precisos 12 anos de luta do movimento marxista-leninista para tornar possível a reconstituição do Partido; é um período anormalmente longo. Esta lentidão está ligada à ausência de luta interna no Partido e ao número ínfimo de militantes que saíu das suas fileiras para lutar pela reconstrução, o que deu lugar a um corte brutal com a experiência comunista até então acumulada no PCP. O movimento recomeçou quase a partir do zero, tropeçando em toda a espécie de erros e desvios.

No 1.º período (1964-1966) um pequeníssimo grupo de militantes agrupa-se no Comité Marxista-Leninista Português (CMLP), primeira organização marxista-leninista a levantar-se contra a traição revisionista. O CMLP ligou-se de imediato à corrente marxista-leninista mundial, agrupada em torno da linha justa do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia, levantando a bandeira da Revolução e do internacionalismo proletário traída por Cunhal. O CMLP fez uma crítica séria ao oportunismo da direcção cunhalista, sobretudo ao abandono da aliança operária-camponesa, da aliança com os povos

coloniais, da insurreição popular antifascista e da meta da revolução democrática popular. Lançou assim os alicerces para o renascimento político e ideológico do marxismo-leninismo em Portugal. É isto que faz a sua importância.

Mas o CMLP não compreendeu em toda a sua extensão o significado da traição revisionista — a destruição do Partido — e por isso não conseguiu agarrar o essencial, que era a reconstrução do Partido, o que o levou a falhar em toda a sua linha. Não pondo a questão do Partido no centro da sua actividade, o CMLP ficou a meio caminho no corte com o revisionismo.

O CMLP não se limitou à ideologia e procurou lançar-se de imediato na luta política, mas deixou-se arrastar pela onda aventureira pequeno burguesa então muito activa. Em vez de se pôr à cabeça da luta antifascista de massas, preferiu-lhe a aventura das minorias activas. Ao trabalho de construção do Partido e à linha de massas antepôs as posições guerrilheiristas da FAP. Não tentou criar raízes no proletariado e nas massas; não tentou levar a luta ao interior do Partido traído, para dele arrancar os comunistas que garantiriam o núcleo proletário revolucionário de que o Partido precisava para se reconstruir. Em vez disso, actuando como um grupo de revolucionários pequeno burgueses, lançou-se no aventureirismo liquidacionista e deixou-se desmantelar pela polícia. A falta de firmeza da maioria dos membros do CMLP na polícia, e sobretudo do seu principal dirigente, confirmou a sua falta de espírito comunista autêntico e tornou mais grave ainda a crise que se seguiu à derrota. Os erros que levam ao desabar do CMLP são responsáveis pelos 10 anos que se vão seguir da dispersão grupista.

O 2.º período (1966-1969) é um período de recuo e marasmo das reduzidas forças marxistas-leninistas que escapam à repressão. O movimento reduz-se praticamente à emigração e divide-se em fracções e grupos, uns dominados pelo espontaneísmo guerrilheirista («o Partido sai das massas», fazer a luta armada, federalismo), outros pelo dogmatismo (fabricação dos militantes e do Partido fora da luta). Embora nesta se-

gunda corrente se façam críticas justas ao guerrilheirismo da FAP, ao espontaneísmo e ao trotsquismo, o desprezo pelas massas empurra-a também para a degeneração.

O 3.º período (1970-1974) — Nas condições de agitação criadas a partir de 1969, o movimento marxista-leninista lança-se à luta política e ganha aí novo vigor nas lutas contra a guerra colonial, pelas liberdades e, nalguns casos, no apoio às lutas reivindicativas da classe operária, onde se começam a formar os primeiros novos militantes operários comunistas.

Mas o peso esmagador dos estudantes no movimento e a fraqueza ideológica geral dão lugar a um leque de tendências erradas: espontaneísmo, aventureirismo, dogmatismo, isolamento das massas. Proliferam os grupos, os chefes e as guerras de seitas, onde começa a destacar-se o MRPP que, fechado num sectarismo feroz, tende rapidamente a degenerar; ao mesmo tempo, em Paris, o grupo Vilar, completamente corrompido, procura fazer frente à propagação do marxismo-leninismo, auto-proclamando-se «Partido Comunista de Portugal» e atacando o movimento real que existe no país como «anti-Partido».

O carácter dominante deste período é o alastramento do sectarismo e das tendências trotsquistas que causam prejuízos gravíssimos ao movimento de reconstrução do Partido. Mas de baixo destas tendências negativas acumulam-se forças que irão gerar o período seguinte.

4.º período (1974-1975) — Após a queda do fascismo e face ao grande movimento popular de massas, sabotado e traído pela camarilha cunhalista, o movimento marxista-leninista é confrontado pela necessidade imperiosa de contrapor ao grupo de Cunhal um autêntico Partido Comunista. A exigência da unificação e do Partido ganha força na base dos grupos, o ambiente das seitas e dos chefes começa a entrar em crise.

Em torno das palavras de ordem «unidade-crítica-unidade», «lutar pelo Partido, lutar pelas massas», «abaixo o trotsquismo», «guerra de massas ao revisionismo», gera-se no movi-

mento um pólo agregador e uma tendência crescente para a fusão dos grupos, apesar da gritaria frenética dos trotsquistas contra o «unitarismo».

A implantação dos comunistas na classe operária cresce rapidamente e, apesar de marcada pelo «esquerdismo», obreirismo e sectarismo, revela forte vitalidade política e começa a disputar a classe à influência revisionista. Os marxistas-leninistas começam a enfrentar tarefas políticas e organizativas cada vez mais vastas que exigem a formação do Partido. Em torno da luta de massas e da luta contra o trotsquismo e o revisionismo dissipam-se as nuvens da confusão, coesionam-se as forças sãs do movimento e são postas à margem as forças corrompidas pelo oportunismo: o grupo Vilar e o grupo Arnaldo Matos, que se revelam como cliques provocatórias inimigas do Partido.

Após os êxitos políticos dos marxistas-leninistas nas eleições de Abril, que só não foram maiores por intervirem parcelados em três plataformas eleitorais, o movimento entra na fase final da unificação. Esta recebe um grande impulso com a formação da ORPC (m-l) pela unificação de três agrupamentos e com a autocritica do CMLP, que abandona o nome de Partido. No 1.º de Maio de 1975, as três organizações marxistas-leninistas, CMLP, OCMLP e ORPC (m-l), unem-se pela primeira vez na acção, reunindo milhares de manifestantes em Lisboa e no Porto, pela democracia popular. O movimento marxista-leninista afirma-se como uma força real na cena política nacional.

O 5.º período é o período de preparação do Congresso de reconstituição do Partido, que vai desde o apelo da ORPC (m-l) de 31 de Julho e da declaração conjunta do CMLP, OCMLP e ORPC (m-l) de 12 de Agosto, até ao dia 27 de Dezembro de 1975, data da reconstituição do Partido Comunista em Portugal.

Embora seja ainda cedo para fazer o balanço deste período final de luta pelo Partido, está já claro que ele desencadeou um vasto movimento de unificação que levou a grande maioria

dos marxistas-leninistas a lutarem contra os grupos e as seitas e a unificarem-se no Partido. O Congresso de reconstituição é um grande acontecimento na longa luta dos comunistas portugueses pela Revolução, ele abre uma etapa nova na luta política de massas contra o regime capitalista, o imperialismo e o revisionismo.

Mas a luta pelo Congresso teve também erros graves que cabe ao Partido analisar: ela não conseguiu mobilizar desde o início a massa dos marxistas-leninistas, pôr em marcha a sua vontade de unificação e, por isso, não conseguiu isolar radicalmente certos chefes oportunistas da OCMLP, que assim puderam manter temporariamente afastados do Partido uma parte dos militantes dessa organização. Tirando todas as lições deste rico período de luta, o Partido armar-se-á para enterrar de vez a era dos grupos, que tantos prejuízos causaram aos comunistas e à luta popular.

#### A EDIFICAÇÃO DO PARTIDO

O Partido Comunista Português (Reconstruído) herda o passado revolucionário do PCP, os seus méritos e os seus erros. Herda também o peso de doze anos de grupos, que se manifesta de várias formas nas nossas fileiras.

Para levarmos a cabo a tarefa que hoje se nos coloca de edificar o Partido há que tirar as lições do passado.

A primeira é a de que a luta política e a ligação estreita às massas constituem a própria vida do Partido, e de que este ano não deverá deixar-se encerrar na «ideologia pura», na declamação esquerdista ou no aventureirismo. O PCP(R) tem de ser um partido armado de cima a baixo do espírito proletário, formando um bloco unido capaz de aplicar o marxismo-leninismo às condições concretas do nosso país e de guiar a classe operária e o povo no caminho da Revolução.

A segunda: o Partido ergue-se na luta contra o revisio-

nismo e só nela pode crescer e consolidar-se: a luta contra o fascismo, o capitalismo e o imperialismo tem que ir sempre a par da luta contra o revisionismo moderno.

A terceira: é a necessidade de ser implacável contra o espírito de grupo, os caciques e as seitas, que impedem a unidade dos comunistas, espezinham a democracia interna e são o veículo do trotsquismo.

A quarta: o Partido deve aplicar rigorosamente o centralismo democrático. O desvio burocrático que restringiu a democracia interna no PCP foi uma das bases principais da sua degenerescência. Os comunistas portugueses terão bem presente esta lição do passado. Como dizem os camaradas albaneses: «a crítica e a autocritica bolcheviques no nosso Partido não podem ter condições nem limites» e «só a democracia interna dá à massa do Partido a possibilidade de criticar, controlar a direcção e de eleger para os órgãos dirigentes os indivíduos mais merecedores».

A quinta: o Partido deve elevar a preparação ideológica dos seus membros, dar a maior atenção à sua política de quadros, no sentido de melhorar a composição proletária dos organismos dirigentes, pondo a classe operária no comando. A política de quadros tem que assentar nas ideias de que é preciso semear para colher e de que os quadros são o bem mais precioso do Partido. Há que rectificar os métodos de direcção e o estilo de trabalho, dar vida própria aos organismos, o espírito de iniciativa das células. Reforçar a defesa do Partido e a vigilância proletária, que deve dirigir-se contra as manifestações mais graves de liberalismo, sem que essa luta fique diluída em proclamações gerais.

A sexta: isolado do Movimento Comunista Internacional, o Partido jamais conseguirá aplicar correctamente o marxismo-leninismo e acabará por degenerar no praticismo e no oportunismo de direita, como já aconteceu no passado. O PCP(R) estabelecerá e manterá laços apertados com o Movimento Comunista Internacional, tendo à cabeça o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia.



Guiados pelas ideias imortais de Marx, Engels, Lenine e Staline, pelos grandes dirigentes do proletariado, os camaradas Mao Tse-tung e Enver Hoxha, os comunistas portugueses, organizados no seu Partido, unidos como um bloco em torno do seu Comité Central, vencerão todas as batalhas e conduzirão a classe operária e o povo português à libertação total, ao futuro radioso do socialismo.